

# A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTÓNIO VAZ

Administração: Apartado, 23 - BRAGA

Director e Administrador: JÚLIO HILÁRIO VAZ

AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 40\$00 - Estrangeiro 80\$00 \* ANO XXV - N.º 474 - Melgaço, 1 de Junho de 1971 \* Tip. Augusto Costa & C.ª, Lda - Telef. 22455 - Braga

## No XXV Ano

COM o presente número entra «A Voz de Melgaço» no XXV ano. Quer dizer: celebramos as Bodas de Prata. Nestes vinte e quatro anos registaram-se muitos acontecimentos locais, a que o nosso jornal, como católico e regionalista, deu a sua colaboração, colaboração que não excluiu a crítica.

Desde o primeiro número inserimos no frontespício deste pequeno edifício as palavras: católico e regionalista. Quisemo-lo católico, pois que os seus proprietários desejam ser fiéis à educação que receberam e ao clima religioso da gente da nossa terra. Mas, sendo católico, queremos afirmar duas posições bem claras:

- 1) Não é oficialmente católico; e
- 2) Deseja o mais aberto ecumenismo.

Quero dizer: não dependemos directamente da hierarquia. Esta dentro dos melhores princípios da opinião pública na Igreja é objecto, também, se os factos o justificarem, dos nossos reparos críticos.

Somos todos, os baptizados, membros da Igreja e cada qual responsável pelos seus actos. E, porque temos o mesmo baptismo, somos todos iguais em dignidade.

Consola-nos uma certeza: nestes vinte e quatro anos não houve um desvio de doutrina.

Continuaremos fiéis à mesma e ao Magistério.

\* \* \*

Somos um quinzenário regionalista. Cada número, desde o primeiro, é a afirmação clara desta realidade. Temo-lo sido com independência, e sem ambição de cargos ou de funções.

O interesse da terra e das suas gentes são a nossa ambição legítima e sagrada.

Tem havido dificuldades neste caminhar, directo e independente? Sem dúvida.

Ao entrarmos no XXV.º ano, lembramos que por causa de defendermos só a verdade e a justiça já fomos levados ao Tribunal. E fomos por três vezes, aliás simultâneas.

E ainda bem, porque a Justiça nos prestigiou. Os réus foram: António Ribeiro, correspondente de S. Paio, ao tempo; prof. Dâmaso Lopes; e o autor deste artigo.

O primeiro nem sequer teve pronúncia; o segundo foi absolvido; e o terceiro foi despronunciado. Há, no entanto, neste último, uma circunstância grave e interessante, a qual vem registada no acórdão do Supremo Tribunal de Justiça, inserido no Boletim do Ministério da Justiça, de Abril de 1953, e que é esta: foi alterado o texto incriminado.

E nem assim!  
Quisemos recordar, no começo da celebração das Bodas de Prata de «A Voz de Melgaço» este facto, que não queremos comentar, visto que as palavras sóbrias dos ilustres Conselheiros bastam.

Mas queremos registar neste momento umas palavras do famoso Cônego José Maria Gomes: «Poderão dizer que os inquéritos com dureza e acrimonia, por momentos, sem do nem piedade; não poderão dizer que me valho de falsidades».

Ao entrarmos no XXV.º apraz-me registar esta certeza — não podem acusar «A Voz de Melgaço» de se valer de falsidades — e, por isso, tem merecido a amizade de inúmeros melgacenses, e o prémio da Justiça.

JÚLIO VAZ

## Cônego A. Luís Vaz

Foi nomeado Director Geral da Fundação, dr. António Cupertino de Miranda, o nosso conterrâneo, Cônego António Luís Vaz.

## «O Vilaverdense»

Por não ter cumprido, nos termos legais, uma notificação judicial em que era requerente o padre Júlio Hilário Vaz, «O Vilaverdense» foi suspenso por dois meses e o Director do mesmo, condenado na multa legal.

O Santo da Quinzena

## S. Clotilde, Rainha

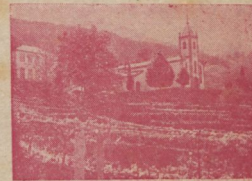
Pela Irmã  
MARIA DOS ANJOS

Apesar de ser filha dos reis de Borgonha, teve uma infância muito triste. Gundobaldo, seu tio, obsecado pela ambição, assassinou os pais de Clotilde, dois dos irmãos, enclausurou a irmã mais velha num convento e levou consigo Clotilde, menina de extraordinária beleza. Embora vivesse num ambiente todo ariano, Clotilde teve a felicidade de receber uma boa mestra católica, que a educou na religião verdadeira. Quando sentia aversão ao pensar no assassinio dos pais, rezava e entregava-se a Deus e à Sua divina Mãe.

Mais tarde, pedida em casamento por Clovis I, rei de França, deu seu consentimento, só depois de muito rezar e, ainda assim, com a condição de o rei pagão lhe deixar toda a liberdade.

(Continua na 4.ª pág.)

## Por Santa Rita



- ▶ Nas vésperas da Festa...
- ▶ Começou a Novena...
- ▶ A procissão da igreja a Santa Rita...
- ▶ Sob a presidência do Sr. Vigário Geral...

Escrevemos nas vésperas da festa a última carta de Santa Rita e, quando esta chegar às mãos dos nossos queridos leitores, já ela está realizada, querendo Deus.

Começou a novena, que se faz de manhã e de tarde, para atender aromeiros que só podem vir uma vez, por causa dos trabalhos de Maio.

A procissão, com o andor de N. Senhora de Fátima, da igreja paroquial, para Santa Rita, levou muitosromeiros, que encheram literalmente esta igreja. Não caiu chuva, durante aquela boa hora de caminhada. Foi uma grande jornada de fé.

Hoje, 26, chegam os andoristas, de Merufe, Pias e os alti-falantes do sr. Reinales também lá chegarão em breve.

Tem havido binação diária, com muitas comunhões, o que faz deste Santuário um grande centro eucarístico. Já cá estãoromeiros de Paços, Sante, S. Paio e Tangil a cumprirem as suas novenas.

Os rapazes e as meninas, cá da terra, tem trabalhado muito, para que nada falte, honra lhes seja.

Chegou um novo altar, para que o celebrante possa celebrar, voltado para o povo, o que ficou muito bem e é obra de Mestre Ribeiro, da Quinta. E assim vamos melhorando o Santuário.

(Continua na 4.ª página)

## Carta do Ultramar

Na frente de combate

Muidumbe, 3-4-71

Melgacenses, amigos:

Convosco, o Rodrigues, já vosso conhecido, o tal enfadonho, tentando passar estes dias mais acompanhado, mais alegre, falando da nossa terra.

A guerra continua.

Foi na quarta-feira, fim do mês de Março, dia de saída para o mato para o terceiro grupo de combate. Efectivo: dezassete homens, duas secções incompletas. Missão: ir ao cruzamento receber homens trazidos pelo grupo de Nangololo; em troca, entregar-lhes algumas granadas instantâneas para o C. C. S.

Já perto do cruzamento, foram atacados à morteirada por turras embuscados no mato.

O guia tinha detectado e salvou o grupo de cair todo na embuscada. Nas nossas tropas, dois feridos graves; um deles, um valente.

Já sem a mão esquerda, em pé, conseguiu disparar um dilagrama calando o inimigo; seguidamente, foi pelos ares com uma granada de morteiro, ficando todo queimado, mesmo assim, entre os braços agarrou sempre a sua companheira, a 63.

Aqui há turras e nas nossas barbas.

No dia seguinte, fui eu com o meu grupo montar uma embuscada ao trilho turra junto ao local da embuscada anterior.

Nesse trilho passam muitas vezes, guerrilheiros e macham-

beiros do vale para as suas bases, atravessando a picada no cruzamento, área limite da nossa guerra.

O trilho é largo, parece uma

(Continua na 4.ª página)

## Antigualhas Melgacenses

XI

S. PAIO DE PADERNE

(Continuação do jornal de 1 de Março)

Circunstâncias da vida particular não permitiram que mais cedo continuasse com o estudo que vinha desenvolvendo.

Causou uma certa impressão a minha afirmação relativa a S. Paio, de que possivelmente não será o martirizado em 925 aquele a quem se consagravam todas as freguesias no Minho que tem o seu nome.

A minha opinião é pessoal e funda-se no facto de serem algumas dessas freguesias muito antigas e até uma ou outra talvez anterior ao martírio de S. Paio sobrinho do bispo de Tui D. Hermógio.

Em 1071 aparece-nos o mosteiro de S. Paio de Paderne dividido em consortes. Já tive ocasião de dizer que os mosteiros e as igrejas muitas vezes foram pertença de senhorios que daí levavam rendas, fôros ou pensões.

A invasão dos mouros no século VIII abalou a organização cristã mas não suprimiu o culto. Muitas igrejas com suas freguesias, se não a maior parte, ainda hoje se conservam. Raro as igrejas mudaram de padroeiro.

A igreja de S. Paio devia ser antiga para em 1071 estar já dividida.

A infanta D. Urraca, irmã de D. Afonso VI de Leão, fez doação à Sé de Tui da metade que tinha no mosteiro de S. Paio.

Nas terras do velho termo de Valadares conservou suas tradições, e ainda no século XV, era em S. Paio a Câmara do Arcebispo, a que hoje poderíamos chamar a séde do arceprelado se o cargo de arcepreste fosse de atribuição local.

(Continua na 4.ª página)

# Várias Notícias da Vila

**Promoção** — Por despacho do Comando Geral da Guarda Fiscal, foi promovido a 2.º Cabo daquela Corporação, o nosso amigo, sr. Rui Manuel de Faria, natural de S. Gregório — Cristóval e que até esta data prestava serviço no posto daquela localidade, sendo agora colocado na Companhia n.º 4, na Ilha da Horta — Açores.

Ao amigo Rui Faria, que teve a gentileza de oferecer um lauto jantar na «Pensão Avenida» desta vila, a vários seus amigos da Corporação, desejamos as maiores facilidades no desempenho das suas funções, e oxalá que em breve venha para a sua terra onde é muito estimado.

**Festa de Nossa Senhora da Assunção** — No dia 23 p. p., realizou-se em Barbeita - Monção, a tradicional festa em honra de Nossa Senhora da Assunção, que constou do seguinte programa.

Missa Solene a grande instrumental, subindo ao púlpito o distinto orador, sr. Rev. Dr. Ariello, ilustre Professor do Seminário de Braga, a seguir uma imponente procissão que percorreu o itinerário do costume.

Abrilhantaram esta festividade, a Banda de Música da Casa dos Rapazes de Barcelos, o Rancho Folclórico «Lavradeiras da Meadela, Viana do Castelo e a Cabine Sonora «Caldas Vilarinho, de Tangil — Monção.

Parabéns à Comissão.

## Baptizado

Na Igreja Matriz desta vila, foi baptizada no passado dia 9, uma menina, a quem foi posto o nome de Maria Teresa, filha do sr. Dr. Rui Manuel de Menezes, funcionário superior da Companhia dos Diamantes (Diamang), em Angola, e da sr.ª Professora D. Maria Cândida da Cunha Esteves Menezes.

Foram padrinhos, o tio e prima da neófito, sr. António Lisboa de Sousa Menezes, (estudante), e a menina Maria Manuel Gil Lima (Finalista da Escola do Magistério em Braga). Os nossos parabéns e votos de felicidades à neófito.

**Aposentação** — Por ter atingido o limite de idade, foi há dias aposentado o nosso amigo, sr. Carlos Brás, soldado da Guarda Fiscal, que até esta data prestava serviço no posto da freguesia de Penso.

Ao nosso amigo, que foi sempre um funcionário zeloso e cumpridor, desejamos longa vida e que goze muito, junto dos seus familiares.

**António Augusto Vieira Gomes** — De visita ao seu colega e amigo, sr. Armando Pinto Rodrigues, Cabo da Marinha em serviço no Posto da Fiscalização de Pesca, desta vila, esteve entre nós durante alguns dias, o sr. António Augusto Vieira Gomes, também Cabo da Marinha, a prestar serviço na Direcção de Farois em Paço d'Arcos.

Os nossos cumprimentos.

**Mimoso de Sousa Cardoso** — De visita à sua família, e em serviço do cargo que desempenha, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Mimoso de Sousa Cardoso, Técnico Verificador das Contribuições e Impostos, da Direcção de Finanças de Viana do Castelo.

Os nossos cumprimentos.

**Para o Ultramar** — Em missão de soberania, partiu há dias para a nossa província ultramarina de Angola, o nosso conterrâneo, senhor Nelson Fernandes, 1.º Cabo Escriturário, filho do nosso estimado assinante, sr. António Fernandes (Cóta) e da sr.ª D. Maria Joaquina Lourenço.

Ao amigo Nelson, desejamos boa viagem e feliz regresso.

— Em missão de soberania, partiu há dias para a nossa província ultramarina de Moçambique, o nosso conterrâneo, sr. Alferes Miliciano, Diamantino de Sousa, assinante do nosso jornal, natural do lugar da Carpinteira, freguesia de S. Paio.

Ao amigo sr. Diamantino, desejamos boa viagem, feliz regresso e as maiores facilidades no desempenho das suas funções.

Assine e Anuncie na  
«A VOZ DE MELGAÇO»

**Engenheiro António Manuel Pires** — Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria Alexandrina Serrano Marques Pires e filhos, tivemos o prazer de ver nesta vila, de visita à sua família, o nosso conterrâneo, sr. Engenheiro António Manuel Pires, residentes em Matosinhos.

**Para França** — A fim de passar uma temporada junto de seus filhos, partiu para França, o nosso conterrâneo, sr. Flório Esteves, acompanhado de sua esposa, sr.ª Glória Pinto Rodrigues.

Desejamos-lhes que tivessem feito boa viagem.

**Aniversários** — No dia 1 p. p., festejou o seu aniversário natalício, a menina Maria de Fátima Alves da Rocha.

— Também no passado dia 18, festejou o seu aniversário, seu pai, sr. António Baltazar da Rocha, que teve a gentileza de oferecer em sua casa um lauto jantar a inúmeros convidados e familiares.

Aos aniversariantes, desejamos longa vida e os nossos parabéns.

## Aniversário

No dia 29 p. p., festejou o seu aniversário natalício, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. António de Freitas (ausentes em França).

Sua esposa, família e amigos, desejam-lhe que esta data se repita por muitos anos.

Os nossos parabéns.

## À Sombra da Cruz

Na sua residência da freguesia de Chaviães, faleceu no passado dia 23, o nosso amigo, conterrâneo e estimado assinante, sr. António José Gomes.

O extinto, pessoa dotada de qualidades de carácter, de bondade e de trabalho que sempre o impuseram à geral consideração e amizade de que gozava no nosso meio, finou-se com a idade de 41 anos, causando a sua morte profunda consternação a todos quantos o conheciam ou que com ele privavam.

Era casado com a sr.ª D. Maria Madalena Esteves Gomes, pai do sr. Alberto Augusto Gomes (ausente em França), irmão dos senhores, Jaime Cândido Gomes, José Manuel Gomes, Manuel José Gomes e da sr.ª D. Maria da Conceição Gomes.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte, tendo-se incorporado, muitas pessoas de todas as categorias sociais.

A toda a família em luto, apresentamos o nosso cartão das mais sentidas condolências.

\* \* \*

A família agradece respeitosamente, a todas as pessoas que acompanharam o funeral, do saudoso extinto.

A. L. P.

## BANCO FERNANDES MAGALHÃES

PORTO



LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

**CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:**

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira  
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris  
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

## Sociedade

### Aniversários

Fazem anos: hoje, D. Ermelinda Fernandes de Faro e Rocha, e Agostinho Alves; no dia 4, José Augusto Ribeiro; no dia 5, o rev. padre Justino Domingues e Cláudio da Rocha; no dia 9, D. Rosa Rodrigues Gomes Domingues e Alberto José de Caldas; no dia 10, D. Carolina Augusta Gonçalves de Carvalho e Luis Henrique das Neves Finheiro; no dia 12, Rosa de Lurdes Caldas; no dia 13, a menina Julieta da Conceição Nóvoas; no dia 14, António Fernandes (Penso) e Lindoso Solheiro de Oliveira; no dia 15, o eng.º Edgar Tito Pinto Ribeiro.

### Manuel Joaquim Pereira da Silva

Acompanhado de sua Ex.ª Esposa, tivemos o prazer de ver nesta vila, o Ex.º Senhor Manuel Joaquim Pereira da Silva, Dig.º Gerente do Banco «Crédito Predial Português», na cidade do Porto, que esteve de visita ao seu amigo, sr. Manuel Júlio Rodrigues, conceituado comerciante e proprietário desta vila.

Ao sr. Pereira da Silva e a sua Ex.ª Esposa, apresentamos os nossos cumprimentos.

### Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro  
MELGAÇO

### Imundicé?

### Malvadez?

ou mulher desleixada?!...

Há dias, na rua da Calçada, desta vila, a sr.ª Adélia Afonso Pereira, natural da freguesia de Valadares, concelho de Monção e moradora naquela artéria, na sua imprevidência, atirou para a rua com certa porção de água, (talvez de lavar a loiça) e, atingiu uma Senhora vizinha, que naquele momento ali passava, tendo a molhado, com aquele liquido porco e surrento.

Deste caso, foi dado conhecimento da falta de limpeza, ao digno Comandante do Posto da G. N. R. desta vila, 1.º Cabo sr. Alfredo José da Costa, que imediatamente autuou aquela senhora, com a multa de 150\$00.

Assim, é que se ensinam as pessoas que não sabem ser limpas e que são imprevidentes...

### Casamento

Com jovem de boas qualidades. A. Varela E.P. 49. Henrique de Carvalho — Angola.

## Agência de Viagens «RUMO»,

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Combóio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

## Dr. Ismael da Trindade

ADVOGADO

Mudou o seu Escritório para o Palácio da Justiça

(REGISTO PREDIAL)

TELEF. 52295

MONÇÃO

## MANCOZAN

Pó molhável micronizado e azul, ideal para as suas «sulfatações». Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vinha «sulfatada» com este produto, e tirará esta conclusão: defesa segura, contra o mildio e maior produção.

Agente distribuidor:

Miguel H. G. Pereira

Rua da Calçada

Telef. 42212

MELGAÇO

# CONVERSANDO

(À saída da missa)

— Então, compadre, já a pé?!  
 — Que remédio! Quero ver se chego a fazer a minha visitinha a Nosso Senhor e, como ao nascer do sol já tenho que estar no trabalho, pois agora não há mãos a medir, por isso tenho que me levantar mais cedo!  
 — Ora adeus! Eu não sei também porque é que o compadre anda com estas coisas! Deus também não quer que a gente ande sempre metido na igreja!  
 — Pois não! E eu também, como tu vês, trabalho tanto ou mais que os outros. Mas, se eu puder fazer tudo, qual é o motivo por que não hei-de fazê-lo?!  
 — Mas não é só com rezas que a gente se salva!  
 — Evidentemente que não! Não é só com rezas que a gente se salva. Mas a reza é preciso. Primeiro a oração, depois as boas obras.  
 — Eu cá não mato, nem roubo, não faço mal a ninguém!  
 — Mas olha, compadre, Deus não se satisfaz com a simples honradez natural que consiste em não matar, não mentir, nem praticar actos torpes. E preciso também fazer alguma coisa de bom. Deus há-de julgar-nos não só pelo mal que fizermos mas também pelo bem que deixamos de praticar. Não fazer bem nenhum equivale a fazer mal, diz S. João Crisóstomo.  
 — Bravo! O compadre está muito lido nos santos!  
 — Pois para que quero eu os livros, homem de Deus?! Para que aprendi eu a ler senão para ler aos domingos o meu bocado de catecismo?! Olha que quem não estuda bem a religião fica quase analfabeto se se contenta só com aquilo que apanha a dente!  
 — Mas eu também faço bem...  
 — Pois é assim mesmo que deve ser! Deves fazer bem e todo o bem que possas. Porque se tu tiveres um criado que não te roube nem te falte ao respeito mas não te faça o trabalho, com certeza que o pões fora!  
 — Lá isso é verdade!  
 — Pois então aí tens a resposta para aqueles que dizem que não matam e não roubam e com isso se contentam, não procurando amar e servir a Deus e ao próximo, pela maneira que estiver ao seu alcan-

ço. Por isso mesmo não tens nada que estranhar que eu me levante cedo para fazer as minhas rezas, antes de começar o trabalho.  
 — Eu não digo que não seja bem rezar, compadre! Eu só queria dizer na minha que a gente não deve ser exagerado. O compadre nunca ouviu o que disse aquele bispo de Viseu: a religião deve ser como o sal na comida; nem demais nem de menos?!  
 — Em primeiro lugar tens a certeza de que esse bispo tenha feito tal afirmação?! Em segundo lugar também certamente já ouviste dizer muitas vezes: nas coisas de Deus quanto mais, melhor! E nunca é demais o que damos a Deus!

## De Gave

24-5-71

**Por doença** — Por motivo de doença grave, esteve na clínica de Monção, 5 dias, a senhora Maria Alves, do lugar da Costa desta freguesia, donde já regressou a sua casa, embora o seu estado inspire alguns cuidados.  
 Desejamos à senhora Maria, as suas rápidas melhoras e um pronto restabelecimento.

**Desastre mortal** — No dia 22 deste mês, pelas 8 horas da manhã, na Entrepise S. A. E. onde era chefe, em França, faleceu, por acidente de trabalho, o senhor Agostinho Fernandes, solteiro, filho do Senhor Manuel Joaquim Fernandes e da senhora Libana Rodrigues; era irmão do senhor Justino Fernandes, casado com a senhora Maria dos Prazeres Fernandes e da menina Maria Fernandes e do senhor José Fernandes, aluno do 4.º ano da Faculdade de Filosofia de Braga. Era este sr. Agostinho quem estava a correr com as despesas dos estudos de seu irmão. Os homens bons não são só bons quando morrem, porque este já o era em vida; por isso pedimos a Deus o seu eterno descanso e a seus pais e irmãos que se encontram envolvidos em lágrimas, apresentamos os nossos sentimentos.

**Saídas** — Para França, saiu hoje o senhor Agostinho Alves, do lugar da Lage. Desejamos-lhe boa viagem. — C.

Assine, Anuncie e Propague "A Voz de Melgaço,"

## De Rouças

**Doentes** — Saiu já do hospital de Braga, onde se sujeitou a uma operação, o sr. João Baptista Vaz, do Cerdedo.

— Do Porto, veio ontem o sr. João Crisóstomo Cardoso, da Eira, que em breve volta a fazer segunda operação.

O sr. João Cardoso, fazia-nos aqui muita falta, para a festa, pois agora os homens, com a emigração, são poucos. E os trabalhos, muitos.

**Falecimento** — Faleceu o nosso Mordomo, o seu funeral realizou-se no dia 28 p. p. Paz à sua alma.

— O tempo está muito chuvoso e muito frio. A gente está com apreensões sobre o vinho. — C.

## De PENSO

24-5-71

**O Tempo e os Campos** — Tem sido muito mimosa esta primavera em que nos encontramos, pois a maioria dos campos de Sequeiro, estão lavrados sem ter sido preciso regá-los; Já foi uma boa ajuda para os lavradores.

As videiras apresentam bom aspecto, e a nasçença do vinho é boa o que leva todos os cultivadores a dedicar-lhe toda a atenção.

Causou entre nós uma boa impressão, o saber-se que a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, vai dar início a intervenção de Compra à produção de 10.000 pipas de vinho.

Pois Deus queira que a retirada seja breve e que o paguem pelo preço que condiga com o actual valor do custo de vida.

**Falecimentos** — No lugar de Paradelá, faleceu em fins de Abril, Maria Domingues Pires, de 76 anos, solteira.

— No Hospital de São Francisco no Porto, faleceu a sr.ª Fernanda Cordeiro Salgado, filha do saudoso casal, Firmino Alves Salgado e de Rosa Cordeiro Salgado, que no dia seguinte foi sepultada na Campa de seus Pais, no nosso Cemitério.

A extinta era entre nós muito estimada, e a sua Morte causou entre nós muito desgosto.

Assim quando o Auto-Fúnebre que a transportou do Porto, e suas irmãs saíram do dito, viam-se muitas lágrimas em todos os que a esperavam para lhe prestar a última homenagem. Teve três missas de Corpo presente, que foram ditas pelo nosso Pároco, por um Padre Italiano da ordem de São Francisco que a acompanhou do Porto, e pelo Padre Nuno de Rouças. Devido ao adiantado da hora, foram as missas ditas ao mesmo tempo.

Entre os presentes, muitos desta freguesia, viam-se os nossos conterrâneos residentes em Melgaço, senhores, Henrique Zucena, João Zucena, e suas esposas, Professor Manuel Rodrigues, ex-Presidente da Câmara de Melgaço, Esequiel do Val, Padre Carlos Vaz, ex-Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Mário Ranhada e esposa, o nosso Correspondente em Melgaço, sr. Alfredo L. do Paço e muitos outros.

As famílias em luto, as nossas condolências, e que descanses em Paz. — C.

**Dr. Luís Domingues**  
CLÍNICA MÉDICA

Rua Formosa, 253-2.º - Dt.º  
Tel. 29415 PORTO

## Recoveiro Rogério

de MONÇÃO

Recebe encomendas para:

**MONÇÃO, MELGAÇO e S. GREGÓRIO**

Paragem no PORTO:

**RUA DO LOUREIRO, 36 ou RUA DA MADEIRA, 218**

Até às 18 horas

Em MONÇÃO:

**RUA GENERAL PIMENTA DE CASTRO**

## A SORTE ESTÁ NA CASA DA SORTE

Em 13-5-71 distribuiu

**TODOS OS PRÉMIOS GRANDES DUMA SÓ EXTRACÇÃO**

SORTE GRANDE - 45.919 - 4.800 CONTOS  
 2.º PRÉMIO - 7.089 - 480 CONTOS  
 3.º PRÉMIO - 19.883 - 240 CONTOS

Em 20-5-71

**MAIS UM PRÉMIO GRANDE**

23.131 - 3.º PRÉMIO - 240 CONTOS

Continuam, assim, os êxitos da

## CASA DA SORTE

a casa preferida pela sorte e pelo público.

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida em Melgaço pelo sr. Miguel Henrique Gonçalves Pereira

## De Chaviões

**A nossa Estrada** — Bem haja quem deu importância ao nosso apelo formulado num dos anteriores números deste quinzenário, pois já por aqui se vêem empregados da nossa Câmara a procederem à limpeza das vermas e arranjo do piso.

No entanto continuamos a apelar para o seu asfaltamento ou a paralelepipedos, por acharmos a solução mais viável.

Como se pode verificar, nos pontos mais íngremes, os carros patinam no saibro ou na terra lamacenta, por efeito das chuvas que tem caído. Por isso mais uma vez aqui fica expresso o nosso desejo à consideração das nossas Dig.ªs Autoridades responsáveis.

**Visitantes** — De visita a sua família, estiveram no lugar das Lages, a Ex.ª Sr.ª D. Elsa Herminia Alves, operadora dos C. T. C. de Portugal em Sintra, acompanhada de seu marido, sr. Miguel Pires Rodrigues e sua irmã, menina Herminia do Rosário Malheiro Alves, também operadora dos C. T. C. na mesma localidade.

**Baptizado** — No dia 9 do corrente mês, recebeu o Santo Sacramento do Baptismo, uma filhinha do sr. Maximiano de Jesus Lourenço e de sua esposa, sr.ª Ana Alves. Foram padrinhos, os senhores, António José Alves e a sr.ª Maria Rosa Ferreira.

A recém-baptizada, a quem desejamos as maiores felicidades, foi posto o nome de Maria de Lourdes Lourenço.

**Falecimento** — Em Alveios — Espanha, faleceu no passado dia 20, onde residia e era proprietário, o sr. António Cândido Fernandes, natural desta freguesia. Contava 55 anos e era casado com a sr.ª Madalena Maria Pinto.

O seu corpo foi enterrado no dia seguinte, no cemitério daquela localidade.

A família em luto, sentidas condolências. — C.

## História linda de um cão!

O cão deve merecer-nos amizade e gratidão. Não é ele o animal mais fiel e amigo do dono?

A história que vem narrada é verdadeiramente comovedora e semelhante a tantas outras que frequentemente são noticiadas.

Só é pena e de lamentar que ainda haja por aí, quem tanto os maltrate!

\* \* \*

*Bob Rowlands, de treze anos de idade, é um estudantinho inglês que se teria afogado nas águas geladas de uma lagoa de montanha, perto da aldeia de mineiros onde vive, se um cão preto de raça do Lavrador, chamado Rex não o houvesse salvo. Bob tinha feito uma espécie da jangada com a qual se aventurou a navegar na dita lagoa. As tantas, porém, a jangada naufragou e o menino, que não sabe nadar, viu-se perdido. Providencialmente, apareceu por ali um homem chamado Dennis Mahoney, que também não sabe nadar e que se viu impotente para salvar a criança que se ia afogar. Indicando-a, porém, ao seu cão, bradou a este: «Anda, Rex, vai buscar o menino!» Rex que sabe nadar, como todo o cão que se preza, atirou-se à água e trouxe o rapazinho para terra. O menino salvou-se e a história (verídica e comovedora história, acrescente-se) está acabada.*

De «O Comércio do Porto» de 7-1-71.

## A S. Judas Tadeu

Agradeço a vossa preocupação e as graças recebidas.

S. S. M.

# Antigualhas Melgacenses

(Continuação da 1.ª pág.)

S. Paio sobrinho do Bispo de Tui foi martirizado em 925. Com o tempo que levaria a difundir-se o seu culto e com a antiguidade que parece ter a igreja de S. Paio, primeiro mosteiro e depois simples paróquia, sou levado a crer que não fôsse este S. Paio o seu primeiro padroeiro.

Como, porém, não me orienta a pretensão de *jazer bonito*, devo acrescentar que o grande historiador P. Pierre David, em estudo sobre «Os Santos Padroeiros de igrejas entre Minho e Mondego até ao fim do século X», publicado em francês na Revista Portuguesa de História, em 1943, escreveu: «forçoso é reconhecer que a Espanha e Portugal nunca veneraram outro S. Paio senão o jovem mártir de Córdova».

Como já disse, Paderne era um extenso território subordinado à igreja de S. Paio D. Afonso Henriques tirou-lhe grande naco para formar património ao mosteiro do Salvador, cuja fundação não deve ser anterior ao seu tempo. Parece que Alvares se desmembrou também do antigo território de Paderne, pois alguns autôres chamaram à sua igreja S. Martinho de Paderne.

Poderiam ainda explorar-se razões para crer que Penso tenha feito parte do território de Paderne que pela toponímia nos convida à existência de extensa vila romana pertença de um *Senbor Paterno*, porque de Paterno homem lhe vem o nome e não de Paterna mulher como se costuma dizer e escrever.

Vejam agora as memórias históricas que pude colher das antiguidades de S. Paio de Paderne:

Em 13 de Janeiro de 1071 a infanta D. Urraca deu à Sé de Tui a sua metade no mosteiro de S. Paio de Paderne, juntamente com outros bens (\*).

Em 13 de Abril de 1118 D. Onega Fernandes deu à Sé de Tui uma quarta parte da igreja de Paderne, em satisfação do crime praticado por seu filho Paio Dias que havia cometido um homicídio na igreja de Sant'Iago de Penso violando o lugar sagrado e seu direito de asilo (\*).

Em 4 de Setembro de 1125 D. Teresa (mãe do nosso primeiro rei D. Afonso Henriques) em doação feita à Sé de Tui incluiu também a igreja de S. Paio de Paderne inteira (\*).

Em 1 de Dezembro de 1156 o bispo de Tui D. Isidoro e os Cônegos outorgaram um documento de partilha entre si dos rendimentos eclesiásticos daquela Sé, para concretizar a dotação feita de metade dessas rendas ao Cabido pelo bispo D. Paio na sua Fundação em 1138. Essa partilha, no que dizia respeito à parte do bispado de Tui sita desde o Minho ao Lima, foi sancionada pelo nosso rei D. Afonso Henriques. Na meação dos Cônegos incluiu-se «além Minho, na Terra de Valadares, o mosteiro de S. Paio de Paderne com todas as suas igrejas e pertenças».

O mosteiro de S. Salvador, dotado por D. Afonso Henriques com grande porção do território de Paderne em 1141, começou a desenvolver-se e o de S. Paio decaiu até se extinguir. De momento não tenho mais referências ao mosteiro de S. Paio. A sua igreja continuou, e a construção, de forma não habitual, que as pessoas de mais idade ainda conheceram, recordava possivelmente o encosto à desaparecida casa de habitação dos monges.

A igreja de S. Paio tinha duas naves separadas por arcaria, cada uma com seu altar mór e sua porta principal. Só lá foi uma vez de muito novo e não fixei, mas dizem-me que uma das naves era mais alta do que a outra. Foi reformada cerca do ano 1930 pelo pároco Raimundo Prieto que lhe conservou uma das portas principais de arquivoltas românicas e um velho altar de estilo renascentista.

Nas inquirições de D. Afonso III em 1258 aparece-nos S. Paio de Paderne como paróquia no centro de Melgaço, sem qualquer memória de mosteiro. Era pároco D. João Garcia. Ele e mais uns tantos homens importantes, juramentados, informavam que ouviram dizer a seus pais, avós e homens antigos que a quarta parte da igreja era reguenga, isto é, do património real. Há referência ao casal de Paio Rana, ao casal de Padrão, à vila de Prado e à Leira Corta (\*). De notar que Prado e Remoães estavam incluídos em S. Paio e não eram ainda freguesia. A elas me referirei a seu tempo.

Também na inquirição eletruada na vila foi informada a pertença real da quarta parte de S. Paio e feita referência aos locais já mencionados (\*).

Na taxação de 1320 foram atribuídas apenas 30 libras à igreja de S. Paio de Paderne, classificação muito baixa que nos indica a limitação de seus bens. Ainda nessa altura conservava oficialmente a designação de S. Paio de Paderne.

No igrejarío de D. Diogo de Sousa, de princípios do século XVI, aparece na Terra de Melgaço, de livre atribuição do Arcebispo «S. Paio, Câmara do Arcebispo» e «a capela da dita Câmara» (\*).

No foral de D. Manuel I concedido a Melgaço em 3 de Novembro de 1513 (\*) vem a seguinte referência a S. Paio: «E acerca do quarto das dizimas e primícias da dita igreja de S. Paio que costumamos de levar usaremos de nosso direito e posse quanto por direito se achar que se deve de fazer».

A Corografia Portuguesa do P. Carvalho da Costa, publicada no princípio do século XVIII diz que «S. Paio é o mesmo a que Sandoval chama Mosteiro de S. Paio de Paderne, haveria sido antes dos Mouros e a Infanta D. Urraca, filha del Rei D. Fernando o Magno dotou a metade do seu padroado à Sé de Tui e a seu Bispo D. Jorge no ano de 1071...». Quanto aos rendimentos desta igreja informa-nos que o «Abade tinha a quarta parte dos dizimos, a Casa de Bragança outra quarta (chamada renda do Castelo) e a Mesa do Arcebispo metade (que são as outras duas quartas».

P. M. A. BERNARDO PINTOR

(\*) Espanha Sagrada XXII, Apend. I, 245.  
(\*) Esp. Sagr. XXII, 74.

# Carta do Ultramar

(Continuação da 1.ª página)

avenia se o compararmos com os nossos.

Terra batida, largo e ramificado.

Montamos a embuscada às duas da tarde após termos caminhado dentro da mata durante várias horas.

Todos molhados até aos ossos, com um soldado, o que ia à frente com a catana abrindo caminho, picado pelas abelhas, e com todo o grupo picado por um trilhão de formigas robustas: as cadáveres.

O sistema estava montado às duas horas da tarde.

Dois secções em linha, a terceira a montar protecção à retaguarda em meia lua, tudo do mesmo lado do trilhão e com ligação entre esquadras e nos elementos.

Por volta da meia noite aparece um leão Mosnando perigoso; os soldados africanos, mechosos como sempre, queriam trepar às árvores, eu impus calma e mais tarde ele foi-se embora procurar outro alimento, alguma gazela distraída.

Molhados, os soldados, constipados, fizeram algum barulho tossindo, espirrando.

Estava frio.

As noites são já mais frescas.

Seis e trinta da manhã, nenhum turra apareceu no dito trilhão, certamente ouvindo qualquer barulho, afastou-se e alertou os outros camaradas.

Apenas uma munição, como prémio da simonov.

Regresso ao quartel pela mata selvagem, seis horas e tal, caminhando na mata sem ver a luz do sol, o guia, o Issa que já foi carregador dos paras aqui na zona lá nos levou até à picada que dá para a Cahanga, uma das bases do In.

Carregador fora, culatra atrás, arma ao alto, letra E e

mais uma saída para o mato. Não apanhamos nada, não tivemos contacto com o In.

Para eles foi uma alegria como sempre a chegada do hélio, sinal de evolução.

Talvez por isso no dia da minha saída estivessem a festejar o sucedido.

Hoje, sábado houve avião, correio, notícias da família, dos amigos.

Amanhã é Domingo de Ramos, no próximo é Domingo de Páscoa.

Há férias na metrópole, descanso para quem tanto estudou. Aqui há guerra, há turras.

Não pode haver descanso, senão eles chegam mais perto, é preciso atacá-los, mostrar-lhes que nós é que valemos, nós somos melhores, deixem vir para nós a população prisioneira, roubada, enganada, drogada.

Do Rodrigues, um grande abraço.



Furriel Júlio de Sousa Domingues (Moçambique)

# Por Santa Rita

(Continuação da 1.ª página)

Os donativos também chegaram: e assim, da sr.ª D. Estefânea Gomes Esteves, de S. Gregório, agora no Brasil, mais 1.000\$00 (vai colocar-se no dia da festa o seu retrato, na galeria dos benfeitores, pois muito e muito nos tem ajudado); duma senhora Religiosa francesa, Renée Badelle, que aqui esteve uns dias, a grande apóstola dos dias 13 no mundo, com as suas missas em honra do Coração Doloroso e Imaculado de Maria, 350\$00; das sr.ªs Gracinda Augusta Gonçalves, de Crasto, agora em Lisboa, 100\$00; Lídia de Sousa, da vila, 10\$; Isabel Esteves, da Barreira, 10 N. F.; Rosa Seves, de Cavaleiro Alvo, 20\$00; no cofre, 157\$00; Maria Lira Ferreira, de Paderne, 100\$00; Horácio Gomes, da Granja, 70\$00; no cofre, 146\$80; Maria de Lurdes Marques, de Portelinha, 10 N. F.; Maria dos Anjos Cardoso, de Ponte, 50\$00; José Colmeiro, cantoneiro, 5\$00; Celeste Pires, de Lobão, 20\$00; Sargento Táboas, 20\$00; Albertina Barreiros, de Picota, 10\$00; Venda dum cabrito, 195\$00; Menina Maria Albertina de Freitas, de Cordeira, 50\$00; Aurea Lourenço, de Carvalha Furada, 20\$00; Emilia Alves, da Igreja, Rouças, agora em França, mais 50\$; Maria Alice Pires, de Cabreiros, 20\$00; Rosa Domingues, de Cabreiros, 100\$00; António Augusto Gonçalves, 150\$00; Rosa Domingues, da Eira, 6\$50 e António Domingues, de Valença, mais 50\$00.

E, graças a Deus. Pois vem aí a festa. Vem também tu. Tráz a tua oferta e ajuda a fazer esta obra. É alto serviço de Deus. Muito grato o

P.º CARLOS VAZ

(\*) Docum. Medievais Portug. I, 88.  
(\*) Portug. Monum. Hist. — Inq. 377-2.  
(\*) Ibid 378-1.  
(\*) Bolet. do Arq. Municip. de Guimarães 1941, vol. VI n.º 3; 97-192, Melgaço a pág. 161-162.  
(\*) Torre do Tombo, Liv. dos Forais Novos de Entre Douro e Minho n.º 43 a fls. 49 v.º.

# O Santo da Quinzena

(Continuação da 1.ª página)

dade em praticar a religião cristã. Clovis deu sua palavra de honra de respeitar a religião de Clotilde e assim contraíram núpcias em 493.

O único desejo de Clotilde era ver a conversão do rei seu esposo e do povo, ao catolicismo. No palácio, instalou uma capela condigna e organizou o culto, do modo mais esplendoroso. De pontualidade rigorosa, no cumprimento dos deveres religiosos, levava uma vida de grande penitência e de caridade. Deste modo não deixou de ser respeitada pelos súbditos pagãos, mas ainda conseguiu que o rei perdesse os seus preconceitos contra a religião cristã e se sentisse feliz em possuir uma esposa tão virtuosa.

Clovis embora não inacessível de todo aos rogos da esposa, não se animava a abandonar as superstições do paganismo e também receava cair no desagrado do povo, se abraçasse a nova religião. Não obstante, consentiu que o primeiro filho fosse baptizado com toda a solenidade.

Aproveu a Deus sujeitar a fiel serva a provação duríssima: o filho morreu poucos dias depois de baptizado. Clovis exasperou-se e, investindo contra a esposa, atribuiu-lhe a perda do primogénito. Indescritível era a dor do rei, e o coração encheu-se-lhe de rancor contra a esposa, à qual levantou as mais duras acusações. «Vejo, — disse — na morte de meu filho, a ira dos deuses que, irritados com o baptismo cristão, assim se vingaram». A causa da morte do menino, atribuiu-a aos seus deuses por ter feito a vontade a sua esposa, baptizando-o na religião católica. Clotilde, com mansidão respondeu: «Não menor motivo eu de chorar a morte da criança; mas dou graças a Deus que se dignou de me dar um filho para recolhê-lo logo ao seu reino... Que bela resposta digna de uma mãe cristã! Não desanimando, continuou a preparar o espírito de Clovis, para que recebesse a graça do Cristianismo. Quando deu à luz o segundo filho, conseguiu que fosse baptizado. Aconteceu, porém, que este adoecesse gravemente, depois da recepção do Sacramento. Para Clovis, já não havia mais dúvida que era o Sacramento cristão o causador da morte do primeiro e da doença do segundo, e rompia em blasfémias e insultos contra a esposa. Esta, pegando no filho nos braços, e de joelhos ante o crucifixo, ofereceu a inocência do menino, pela conversão do pai. Deus recompensou essa humildade e caridade com a repentina cura do menino.

A alegria e o pasmo de Clovis, ao ver o filho são e salvo, eram indescritíveis. Mais tarde converteu-se ao cristianismo.

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO

SOLICITADOR



Largo Hermenegildo Solheiro MELGAÇO

## NA ASSEMBLEIA NACIONAL

# O Deputado Dr. Júlio Evangelista referiu-se à celebração da Comunidade Luso-Brasileira

(Continuação do número anterior)

Acentua Paul Morand que alguns conquistadores, ao pôrem pé no continente americano, logo comandavam: «Fogol», sendo esta a marca da sua colonização. Outros, como os holandeses ao transporem a Whall Street em Nova Iorque, principiaram por estourar palavra: «Quanto? Hoe-weel?». Neste quanto igualmente permanece na feição colonizadora. Os portugueses, ao aportarem a terras de Santa Cruz, logo e antes de tudo se prostraram de joelhos, rendendo graças ao Senhor. Foi essa a marca decisiva da História comum de Brasil-Portugal. Aquela Cruz, que se conserva na Sé Primacial em Braga, e que serviu na primeira Santa Missa celebrada por Frei Henrique de Coimbra no Ilhéu de Porto Seguro, após a Descoberta, é bem um símbolo, e por isso ela foi também a Cruz da primeira missa de Brasília, capital do novo, imenso e esplendoroso Brasil.

Senhor Presidente!

O Tratado de Amizade e Consulta entre Portugal e o Brasil foi assinado no Rio de Janeiro em 16 de Novembro de 1953; foi aprovado para ratificação em 21 de Dezembro de 1954, mediante resolução da Assembleia Nacional que, em 6 desse mês, precedendo o debate, escutara uma primorosa comunicação sobre o assunto feita pelo Presidente Salazar. Em 4 de Janeiro de 1955 entrava em vigor aquele instrumento diplomático. Uma portaria de 23 de Março de 1955 constituiu a comissão portuguesa para o estudo das medidas de natureza legislativa e administrativa necessária ao cumprimento do tratado em Portugal. Dois meses depois, pelo Decreto n.º 37874, de 23 de Maio de 1955, foi criada no Brasil a comissão nacional brasileira.

Em declaração conjunta dos Presidentes dos Estados Unidos do Brasil e de Portugal, reunidos no Rio de Janeiro em 11 de Junho de 1957, foi instituída a Comissão Mista Brasil-Portugal, destinada a dar seguimento ao resultado dos trabalhos das duas comissões nacionais. São dessa declaração as seguintes afirmações soleníssimas: «Portugal e Brasil, na realização de uma concepção em que os ideais e interesses nacionais encontram seu lugar no quadro mais lato dos ideais e interesses comuns, tomam posição, de mãos dadas, na política mundial.» Por decreto desse mesmo dia — 11 de Junho de 1957 —, o Brasil criou a sua comissão permanente. Em Março de 1960, foi criada a comissão permanente portuguesa, e em Agosto, no Palácio das Necessidades, em Lisboa, perante os Chefes de Estado do Brasil e de Portugal, foram assinados alguns diplomas regulamentares. Em 7 de Setembro de 1966, também no Palácio das Necessidades, foram assinados pelos Ministros

dos Negócios Estrangeiros do Brasil e de Portugal alguns convénios aplicáveis a todos os territórios dos dois países — de natureza económica, técnica e cultural. Não queria deixar de lembrar com regozijo que, do lado português, subscreveu esses convénios o actual presidente da comissão parlamentar dos Negócios Estrangeiros, Sr. deputado Franco Nogueira, que então conduzia a nossa política externa, onde deixou assinalada a sua passagem de maneira verdadeiramente notável.

De longe vinha, aliás, a aspiração da comunidade lusitana, logo enunciada, ao alvorecer da independência brasileira, no Tratado de 1825, concluído entre Sua Majestade Fidelíssima e seu filho, o Sereníssimo Príncipe D. Pedro, imperador do Brasil, em 1815, D. João VI, numa intuição dinástica repleta de significação, havia criado o Reino Unido de Portugal e Brasil. E por todo o século passado o Brasil foi, para os portugueses, não só o irmão mais novo que se havia emancipado, como ainda o país predilecto da nossa emigração, que aí se encontrava e agia como em terra sua. Em 1908, o Brasil preparava-se para receber com manifestações inesquecíveis o nosso Rei D. Carlos, projecto a que o regicídio opôs o seu veto sangrento.

Nem por isso esmoreceu no ânimo dos dois povos o desejo de exteriorizar oficialmente o que era uma realidade no sangue, nas almas, nos interesses e na história. E é assim que uma pleiade de homens notáveis se devota ao estreitamento das relações entre os dois países, após o advento da República, obra que veio a culminar no êxito da viagem do Presidente António José de Almeida.

Reedificado pacientemente e genialmente por Salazar o quadro da nossa política externa, as relações luso-brasileiras vieram a ter o seu natural coramento no Tratado de 1953, pelo qual se criou a Comunidade que hoje estamos celebrando, indo-se-lhe depois definindo os contornos práticos.

Logo após a sua posse como Chefe do Governo, em Setembro de 1968, o Presidente Marcello Caetano enviou uma saudação especial ao Brasil, e não deixou de acorrer ao convite do Governo da Pátria irmã para ali ir «conversar sobre os problemas que interessam às relações entre os dois países». E como se o destino caprichasse em ofertar motivos de regozijo, a visita do Chefe do Governo português ao Brasil — que constituiu um dos mais belos e exaltantes capítulos da história da Comunidade — ocorreu precisamente no ano em que era celebrado o centenário de Gago Coutinho, figura singular, figura da nossa época que enche de aventura e de glória e de grandeza meio século da história luso-brasileira. Foi durante essa viagem que, em 11 de Julho

de 1969, o Prof. Marcello Caetano, em discurso proferido na Universidade Federal do Rio de Janeiro, relembrou o velho projecto de conferir estatuto especial aos portugueses no Brasil e aos brasileiros em Portugal, o que os constituintes brasileiros recentemente consagraram no seu texto fundamental e nós iremos em breve debater e introduzir na Constituição Portuguesa.

Tudo confirma, efectivamente, haver «na política externa portuguesa uma constante inalterável: a amizade com o Brasil, segundo as próprias palavras do Chefe do Governo, em Brasília: «Não se trata de orientação de um regime, de programa de um governo, de lema de um partido — mas de exigência profunda e consciente do próprio povo, mas de imperativo visceral da própria Nação».

Bem se pode dizer que o Atlântico Sul é o maior rio da Comunidade luso-brasileira — desta comunidade prodigiosa de navegadores dos mares, navegadores dos ares — navegadores de almas!

(Continua)

## Dr. Armando Mansilha Rodrigues de Almeida

A seu pedido, foi transferido para o Tribunal da Comarca de Amarante, onde foi ocupar o lugar de Delegado do Procurador da República, o Ex.º Senhor Doutor Armando Mansilha Rodrigues de Almeida, natural de Mesão Frio, que durante uma temporada exerceu com muito zelo e competência, iguais funções no Tribunal desta Comarca, tendo-lhe sido oferecido um jantar de homenagem, na conceituada «Pensão Boavista», da Estância Termal do Peso, onde assistiram todos os funcionários do tribunal e muitas pessoas da mais alta representação.

Ao ilustre Magistrado, que Melgaço, já mais esquecerá o seu nome, pela sua rectidão e espírito de justiça, auguramos-lhe as maiores facilidades no desempenho do seu espinhoso cargo.

## Respondo ao Dr. Abreu

Num dos últimos números do «Notícias de Melgaço», disse, o Dr. José Joaquim de Abreu, Conservador do Registo Civil em Monção, que tratara duma questão de meu cunhado Augusto, que os seus honorários foram sempre modestos, humanos, e, textualmente:

«De que assim é o sabe bem o Padre António Rodrigues, simpaticamente com «A Voz de Melgaço».

1.º — Foi verdade que o Dr. Abreu trabalhou de colaboração com outro advogado, numa questão de meu cunhado Augusto.

Também foi verdade que, apesar de lhe pedir a conta por mais que uma vez, não me cobrou os honorários que lhe eram devidos pelo seu trabalho.

Foi gentil e foi grato: gentil, porque as nossas relações, que nunca trai, eram boas; grato, porque, antes deste favor que me fez, outros lhe fiz eu a ele.

Não esqueço o que recebi.

2.º — Não sou, apenas, simpaticamente, sou amigo dos responsáveis pelo jornal «A Voz de Melgaço», porque, além doutros motivos, não só me franquearam as colunas do seu jornal para defender-me e defender o meu irmão ex-Presidente da Câmara das aleivias dum sexteto de inimigos, mas também terçaram armas em sua defesa.

Foram membros da sua família os organizadores daquela grandiosa homenagem que, no Peso, foi prestada a meu irmão, homenagem que fez ranger os dentes de raiva aos seus inimigos. (O «Notícias de Melgaço», jornal informativo, como o alcunhou o director, sr. Dr. Abel Vaz, nem sequer deu a notícia!).

Não será de agradecer esta atitude tão simpática, principalmente numa altura em que até alguns amigos, o traíram?

A gratidão é uma virtude, hoje, rara, mas ainda a cultivo. Fui para «A Voz de Melgaço» por necessidade de defesa; o Dr. Abreu foi para o «Notícias de Melgaço», porque ninguém e atacou, por prazer, por simpatia.

Ora, se o Dr. Abreu tem o direito, que não discuto, de simpatizar com o «Notícias de Melgaço», terei de dar satisfação a «qualquer quidem» por ser simpaticamente de «A Voz de Melgaço»?

O Dr. Abreu tem o mesmo direito que eu, e eu, o mesmo direito que o Dr. Abreu.

Nem sempre simpatizo com

o que os outros escrevem; mas, porque simpatizo com o que escrevo, aponho-lhe sempre a assinatura; considero o anonimato uma manifestação de covardia.

A. Rodrigues

## Finalmente:

Após grande perseguição

o «PILOTO»

caiu nas mãos do «CARVALHO»

Como é do conhecimento dos nossos leitores e de todos os Melgacenses, anda diariamente nas ruas da vila, uma brigada de apressar cães que é chefiada pelo «Carvalho» funcionário da Câmara Municipal, condutor do lixo.

O caso que relatamos refere-se ao seguinte:

No dia 22 de Maio, causou grande repulsa para aquelas pessoas de bom senso e que são amigas dos animais, principalmente dos canídeos, a captura do «Piloto», já muito referenciado neste quinzenário, devido à «fintas» que fazia quando via a brigada de apressamento e por se ter evadido muitas vezes, quando era preso pelo muito zeloso funcionário «Carvalho», indo assim parar ao canil. Mas não escapou à morte, por meio duma injeção, aplicada pelo seu apressor, precisamente na hora em que havia uma subscrição voluntária para levantamento do referido «Piloto».

Pergunta-se: isto será humano?

Podrá este empecado fazer-se munir de injeções para abater cães?

Será que nós não temos médico veterinário para fazer tais serviços, em dias e horas determinadas?

O que mais estranhámos, foi o regozijo do «Carvalho», por tão nobre feito.

Foi depois o mesmo canídeo, após a sua captura, mostrado com grande orgulho, pelo seu captor a várias pessoas desta vila, quando ia dentro duma carrinha. O que isto causou de pena a todos e até própria-mente às crianças, que tem noção e compreensão das coisas, nem é bom dizer-se. Da nossa parte, se a tal fôssemos obrigado, havíamos de calar-nos e sofrer, mas ainda há pessoas que servem para tudo...

Não se pode ser cão!... Até para isso é preciso ter sorte...

O «Piloto» nasceu em fraca lua.

Adeus «Piloto» que não voltas ao 27.

Parabéns «Carvalho»!

Vinho do Porto **BARROS**

De todos  De todos

o  o

mais saboroso  mais preferido

Lágrima Christi **BARROS**

em França o mais apreciado

**Foto CALDAS**

TELEFONE, 42220  
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comunhões, Aniversários, etc.



## o olhar da inteligência determina a escolha

Quando se escolhe o local de férias, procura-se encontrar o melhor.  
Quando se escolhe um investimento para o capital, por muito pouco que seja, procura-se o mais rentável.  
Quando se deseja que essas duas condições sejam perfeitamente satisfeitas, consulta-se a **TORRALTA**, porque só a **TORRALTA** proporciona diversas e óptimas opções ao seu capital, no Algarve praia do Alvor ou em Troia, na Ponta do Adoxxe.



**TORRALTA**  
UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS

DELEGAÇÃO NO MINHO: Largo de S. Francisco, 33-3.º - Telef. 26765 BRAGA

## De Prado

**Festa de Santa Rita** — É de 23 a 31 de Maio que se realizam as Seculares festas da milagrosa Santa Rita, onde todos os habitantes desta freguesia sempre lá foram acompanhados do seu pároco, que presidia as ladaíñas, os que não iam enviavam suas esmolas. Depois de assistirmos à Santa missa, todos nos reuniamos em confraternização. Hoje está de parabéns aquele que conseguiu substituir a humilde capelinha que lá existia por um magnífico Mosteiro e ainda outras obras sociais

dignas de louvor. Que Santa Rita o auxilie para pôr em prática o seu intento como seja imitar o que existe na Senhora da Peneda; são esses os desejos de todos os habitantes desta freguesia que em Santa Rita estarão presentes, cumprindo assim o que já lhe foi legado pelos seus antepassados.

**De convalescença** — De regresso do Porto, encontra-se melhorando o senhor Herculano Ansénio Gomes Pinheiro, ex-Secretário da Câmara Municipal de Melgaço; desejamos que em breve se encontre completamente restabelecido.

**De Luanda** — Vieram de

visita a sua mãe, D. Albertina Rodrigues da Silva e a mais familiares, D. Maria Albertina da Silva Ribeiro, sua neta, D. Maria Madalena da Silva Ribeiro Varanda e seu marido Leiro Varanda e 2 bisnetinhos, que sejam bem vindos e que nunca se esqueçam da terra que os viu nascer.

**Casamento** — Foi em 9 do corrente, que se realizou na Igreja desta freguesia, o enlace matrimonial de Manuel José Vasques, filho de Amadeu Vasques e de Maria da Glória Rosa, naturais da freguesia de Paderne, com a menina Branca Pereira, filha de Herculano Pereira e de Maria

do Céu Marques, naturais desta freguesia; findo o acto que foi concorridíssimo, o cortejo seguiu em diversos automóveis para a acreditada Pensão Boavista no Peso, onde foi servido um lauto Banquete.

Foram padrinhos, por parte da noiva, o nosso assinante, Manuel Augusto Gonçalves e Ex.<sup>ma</sup> esposa, D. Magnífica Calheiros.

Terminada a cerimónia, os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Sul do país. Que sejam coroados das melhores felicidades de que são merecedores, são esses os desejos deste correspondente.

M. S.

## Carta de um soldado

### O culto de Santa Rita

Lamego, 3 de Maio de 1971.

Por sobre o Vale em que assenta a freguesia de Rouças, Vale em que vamos encontrar um coração, tão grande e tão vivo como o mosteiro de S.ta Rita, há uma obra grandiosa o Lar dos Velhinhos.

No mês de Maio, sentiremos palpitante aqui o nosso coração de ritmo profundamente católico, isto é, de ritmo universal, a comunicar com todos os corações dos Irmãos, em tal tempo, como nós juntos, aos pés de S.ta Rita. Ao meditar como tantas gerações já honraram a S.ta Rita, pensamos que não bastaria um livro nem uma biblioteca, para descrever as modalidades do culto prestado, como ainda os factos e os frutos daí decorrentes.

Vamos a qualquer parte do mundo. Repara comigo. Verás grandiosos Templos, humildes capelinhas, estátuas, nichos e monumentos de toda a ordem e estilo, levantados em reconhecimento de todos os Santos. Será, pois, este culto piedoso, de verdade e de tradição pleníssima, que vamos prestar a S.ta Rita. No tempo de Primavera, de flores de fragância inebriante, prados e colinas verdejantes. Tudo são gritos de festa do dia 23 e 31 de Maio, a pedirem o coro da nossa oração, o encontro com a Nossa Padroeira examinando a vida, concertando a voz da consciência, sob, o Seu olhar.

De pé, todos, para continuarmos a marcha diária entre 23 a 31 de Maio até ao Santuário da nossa terra.

Ao Santuário de Santa Rita, para louvarmos o Senhor pelo alto modelo de virtudes que nos deu nesta gloriosa santa e obtermos a salvação e o bom êxito das nossas preces.

Em Maio todos a S.ta Rita, ciciando: O querida Padroeira, orai por nós. Nestes dias de bênção, Rouças, está em festa, de 23 a 31 de Maio, parece tudo calmo, e no entanto, é novo mundo, na sua gloriosa marcha. Até as próprias árvores da mata de S.ta Rita nos oferecem, as suas sombras, para repousarmos e comeremos os nossos farnéis.

Todos os nossos irmãos gostam de ir ao cimo do monte do M6, ver os seus largos panoramas, e como é bonito, ao fundo da encosta, avista-se o grandioso mosteiro de S.ta Rita e, ao seu lado, encontra-se a casa dos pobrezinhos, fruto do amor dos amigos do Santuário de S.ta Rita. Ditosos filhos que têm por mãe a S.ta Rita.

Que riqueza a nossa em estar com Ela, uns dias, umas horas neste Santuário, o monumento que domina todo este vale.

A fé não envelhece nem faz velhos. É raiz de Salvação.

Fernando Augusto Cardoso

### Numa casa de banho

Ao destilares teu ódio no alambique imundo da tua infância, não te sirvas da água dos teus antepassados, que nem sempre foi cristalina.

Lisboa, 27 de Abril de 1974.

Ex.mo Senhor Director

Porque devo ao senhor professor Rodrigues uma resposta, e em continuação desejo fazer mais algumas considerações sobre o abastecimento de água à freguesia de Chaviães, peço para isso a V. Ex.cia o espaço indispensável no jornal «A Voz».

Aproveito para renovar os meus agradecimentos.

Carlos Alberto Afonso

Rua Alfereis Barrilero Ruas,  
n.º 12 - r/c - D.to — Lisboa-6

## Justificando

Acreditei que o senhor professor Rodrigues quando presidente da Câmara tivesse inaugurado os fontanários de Quintas, Soengas e Barreiro porque no dia da sua inauguração regressé a Lisboa e disseram-me algumas pessoas, que esperavam a visita do senhor Amadeu com o senhor presidente da Câmara e outros senhores. Era fácil de acreditar, sabendo-se, que o senhor presidente já tinha assistido a idêntica cerimónia noutras localidades, e, naquela data nada constava que não pudesse ser assim.

Disto resultou o meu engano, pelo qual peço desculpa.

Terminada a justificação do meu erro, permito-me fazer mais algumas considerações breves, em resposta ao esclarecimento do senhor professor Rodrigues umas, e sem qualquer resposta, outras. O senhor prof. Rodrigues não esteve presente, mas as palmas e os vivas misturaram-se do mesmo modo e parece que até se tiraram fotografias.

O senhor professor Rodrigues como presidente da Câmara, não foi convidado para assistir à inauguração desse reforço da 1.ª fase, ou foi convidado e não aceitou?

No projecto que a Câmara elaborou para a freguesia de Chaviães devia constar o local onde se iria buscar a água para abastecer os fontanários da Portela, Quintas, Soengas e Barreiro. Poderá saber-se o que constava?

Pelo facto de a Câmara entregar à junta da freguesia e esta por sua vez entregar a outrem e execução dos trabalhos, não será motivo para que possa ficar alheia e não acompanhar esses trabalhos. Pois não era à Câmara que competia o abastecimento de água às freguesias?

A direcção da Levada não é a proprietária, mas deve representar os seus herdeiros naquilo que lhe compete.

O mal foi abastecer 15 fontanários em vez de cinco se a água bastava para todos, ou foi mal consentir, mesmo a título provisório, se não havia poderes para isso?

Se era mal? o que estava feito sem autorização mas com consentimento, não seria a destruir que esse mal se remediava, então. Se há razões fortes parece muito fácil fazer valer os direitos sem ser pela força.

Eu pensava que a Câmara sendo autónoma, teria recursos quase ilimitados, mas pelo que compreendo, neste caso, esses recursos pararam no senhor Director de Urbanização.

Disse que a água andava abandonada, porque o primeiro benefício que ela presta a alguns dos seus herdeiros, é, tal como está, canalizada para as fontes. Alguma, disseram-me, perdia-se pela corga de S. R. sendo e outra, antes da reparação do rêgo da Levada, há

# Cartas ao Director

poucos anos, era desviada para Paçô. Só em invernos de muita chuva conseguia, alguma água, chegar à Portela do Couto, e por aí ficava. Mas andar abandonada, não quer dizer sem dono, e por isso não tira aos herdeiros os direitos que tiverem.

O que dizem alguns herdeiros «prejudicados» e merece consideração, é que, só se abasteceram de água alguns lugares, continuando outros sem fontes nem água capazes.

A minha família tem sentido mais do que a Câmara, as necessidades dos que precisam, porque tem fornecido água, que lhe pertence em exclusivo, a algumas gerações, de todos os vizinhos do lugar onde mora.

Eu, colhendo opiniões e informações estranhas, melhor posso esclarecer as minhas dúvidas sem correr o risco de poder ser influenciado por questões pessoais ou sentimentais.

As considerações que fiz ao senhor professor Rodrigues, foram pessoais e sem qualquer interesse particular. Ao Senhor compete querer ou não considerá-las.

Não pretendo, como antes, que o senhor professor Rodrigues responda ao que lhe não diga respeito. Algumas perguntas surgem na sequência de outras e só tem um interesse comum: aclarar melhor e na medida do possível aquilo que me parece duvidoso.

O senhor professor Rodrigues é um município sim, mas diferente, porque melhor do que a maior parte dos demais, sabe como se rege a Câmara, e, é por isso, a pessoa mais capaz para esclarecer os que como eu, pouco sabem. Mais capaz, mas sem qualquer obrigação...

Quem acreditaria, se o ex-presidente o não dissesse, que se aprovou superiormente um projecto, sem que a Câmara dele tivesse conhecimento?

Sempre vale saber para se poder considerar.

Senhor professor Rodrigues: O problema da água de Chaviães nunca foi complicado e continuará a ser simples desde que, com boa vontade apenas, se queiram esquecer interesses sem qualquer interesse. O que mais o complica e deve até estar na base da sua origem, foi certa «política caseira» que não é difícil perceber...

Água é vida!... Luz e comunicação para todos, é progresso!...

Como ainda há quem se lhe oponha!...

Carlos Alberto

## Resposta ao Justificando

Nunca ocultamos a verdade e, por isso, vamos satisfazer com muito gosto o desejo do sr. Carlos Alberto.

\* \* \*

Fui convidado para assistir à inauguração dos fontanários de Portela, Soengas, Quintas, etc. pelo sr. Amadeu Abílio Lopes, mas não aceitei.

A minha presença não era essencial, porque, se o fosse, estaria presente.

Não aceitei porque o sr. Amadeu já se tinha recusado a entrar

nos cofres da Câmara com o subsídio prometido para a prioridade da electrificação de Chaviães.

Assisti, porém, à inauguração da Casa Paroquial da dita freguesia realizada posteriormente, mas em representação do mui ilustre e saudoso governador civil, sr. dr. Alfredo Pinto.

Todavia, sr. Carlos Alberto, assistir ou deixar de assistir não confere nem tira direitos a ninguém!

\* \* \*

O projecto a que se refere no seu «JUSTIFICANDO» foi elaborada pelo sr. Director de Urbanização, mas não a pedido da Câmara; todos os demais foram elaborados a pedido da Câmara, e por outro técnico.

Do dito projecto consta que foi a Junta de Freguesia de Chaviães que indicou, para o efeito, uma das cinco nascentes de Cótaro e Assinada.

A Junta, porém, diz que não teve interferência no assunto, como se prova pelo ofício que se transcreve fielmente:

S. R.

Da Junta de Freguesia de Chaviães, Concelho de Melgaço.

Ao Ex.mo Snr. Presidente da Câmara Municipal de Melgaço.

Data, 31-3-970.

Assunto — Das águas dos fontanários — segunda fase;

1—Quanto a elaboração do projecto — segunda fase — de abastecimento de água aos lugares de Quintas, Parada, Portela e Soengas, não podemos informar V.ª Ex.ª com precisão quem o elaborou, mas julgamos ter sido a Direcção de Urbanização de Viana do Castelo.

2—Esta Junta não pediu nem interferiu nesse segundo projecto — segunda fase — mas deduz que o mesmo tenha sido elaborado por influência do Sr. Amadeu Lopes em quem esta Junta declinou os serviços das obras de beneficiação de fontes e fontanários, por o julgar um benemérito e amante do progresso desta freguesia.

3—Que a água indicada no projecto — segunda fase — foi pelo mesmo Snr. Amadeu Lopes e Rev.do Padre Lima, este como corroborador e Sr. Manuel Coelho como Presidente da Direcção da Associação da Levada da Candosa, os quais se deslocaram à Direcção das Hidráulicas do Porto para tal fim, no que esta Junta não teve interferência alguma.

4—Ninguém pediu à Junta a concordância ou a sua interferência para serem indicadas, quer as nascentes da Assinada quer a de Cótaro, tendo esta Junta indicado apenas uma pequena nascente baldio denominada mina do Poeira, para fins de exploração de água.

—Mais: Esta Junta, absteve-se de acompanhar de perto os serviços declinados no referido Sr. Amadeu Lopes, por este, na sua ausência os declinar no Sr. Reverendo Lima, pároco desta freguesia e Sr. Luís Lourenço Veloso, regedor desta freguesia, os quais durante a sua estada no Brasil ficaram encarregados de pagamentos e fiscalização dos respectivos serviços, pelo que esta Junta julgou mais conveniente colocar-se à margem, para não desgostar nem aborrecer quem

se mostrava tão benemérito e procurava só o progresso desta freguesia como acima digo.

O Presidente,  
Aarão Esteves

O ofício transcrito ajuda a esclarecer outros pontos da questão e está de acordo com a declaração do sr. Manuel Ribeiro Coelho, Presidente da Associação da Levada da Candosa que diz textualmente:

«... As entidades ou pessoas que entraram no referido acordo verbal — refere-se ao da cedência da água para, apenas, cinco fontanários — foram a Direcção da Associação (Armando Miguel de Carvalho, Amadeu Augusto Gomes e o declarante) Amadeu Abílio Lopes e P.ª José Rodrigues Lima». Como se vê no dito acordo nem entrou a Câmara nem a Junta.

\* \* \*

Já disse e volto a repeti-lo: a Câmara não se alheou, alhearam-na!

Até a alhearam do abastecimento domiciliário que é, por lei, da sua exclusiva competência.

Foi o sr. Director de Urbanização o culpado destes atropelos.

Apesar de tudo a Câmara colaborou no que lhe foi pedido porque tinha interesse que a obra se realizasse.

O mal esteve no abuso do prolongamento da rede de água a maior número de fontanários do que o acordado e sobretudo, na utilização da referida água no abastecimento domiciliário.

A Direcção da Associação esperava que os Serviços Hidráulicos convocassem uma assembleia geral dos regantes para resolverem o problema daquela cedência, como lhe foi pedido e prometido.

O consentimento da Direcção para a ligação da água estava condicionado ao que fosse resolvido na dita assembleia.

Se o abuso se tivesse limitado ao aumento do número de fontanários estou convencido que, pelo menos, a grande maioria dos consortes, não faria qualquer reclamação; mas isso não aconteceu, e daí, a revolta dos proprietários, revolta de que são culpados os srs. P. Lima e Amadeu.

Nunca aprovei a forma como foi realizada a interrupção, mas tenho de declarar, em abono da verdade, que os consortes só cortaram a água depois de, nem o sr. Director de Urbanização nem os Serviços Hidráulicos, terem dado qualquer satisfação às suas reclamações.

Perante isto não nos causou admiração o que sucedeu, como não nos causou admiração que o tribunal os mandasse em paz.

\* \* \*

Não fale, sr. Carlos Alberto, em autonomia da Câmara... Também foi atropelada!...

\* \* \*

Na questão das águas tentei por todos os meios que as coisas não chegassem onde chegaram. Avisei a tempo que a água era particular.

Procedi a um inquérito e informei de tudo o sr. Ministro das Obras Públicas e o sr. Presidente do Conselho por intermédio do sr. Director de Urbani-

zação e do Sr. Governador Civil respectivamente.

Dizia eu, na parte final do inquérito:

«O interesse da Câmara, que é do público, está agora em obter dos proprietários a cedência da água para abastecimento dos fontanários, pelo menos dos mais necessários e previstos no projecto de reforço da primeira fase, garantindo-lhes, aos proprietários, as condições que põe a Direcção dos Associados e que os srs. Amadeu e P.ª Lima não respeitaram. Mas, para isso, é necessário deixar acalmar os ânimos, pois, como se vê dos autos, alguns consortes cedem, mas outros não estão dispostos».

Mais:

Em Viana, quando o Sr. Governador Civil e Sr. Director de Urbanização me avisaram de que viriam cá em determinado dia para resolver o problema das águas de Chaviães, eu disse-lhes que era cedo, que os ânimos estavam ainda muito exaltados e que se deveria aguardar para mais tarde. Foi-me dito que tinha de ser nessa ocasião. Eu disse que se arriscavam a receber um não e que depois seria mais difícil arrancar um sim. Disseram que tinha de ser, que se não fosse a bem que seria resolvido a mal.

A reunião realizou-se com a presença do Sr. Governador e nela tomaram parte o Sr. Director de Urbanização, dois funcionários dos Serviços Hidráulicos, a Direcção da Levada, o Sr. Amadeu e P.ª Lima, o vice-presidente e o então presidente da Câmara, autor destas linhas.

Deu-se o que eu tinha previsto. As coisas ficaram pior que estavam.

E mais ainda:

Após isso, tentei também evitar que a reposição de água ao depósito fosse feita à força; informei que os associados só cederiam a água para alguns fontanários depois da feitura de documento em que ficassem exaradas as condições, e que os Serviços Hidráulicos deveriam convocar para isso uma Assembleia Geral.

Apesar de tudo isto, não consegui, prezado contrêrâneo, que a minha voz fosse ouvida. E era a voz da razão, a voz do bom-senso, a voz de quem quer resolver a bem o que só a bem deveria ser resolvido.

Foi num clima de guerra que, auxiliado pelo sensato sr. Capitão Maia, da G. N. R., consegui a cedência de água para os oito fontanários constantes do projecto.

Queriam melhor? Também eu. Pena foi que os responsáveis não tivessem ouvido a minha sugestão de que se deixassem acalmar os ânimos; como é pena que se não tivesse feito um inquérito, como foi pedido.

Ver-se-ia que os governantes não foram informados da verdade e que o Presidente da Câmara agira com prudência e justiça.

\* \* \*

Estes abastecimentos para fontanários só foram possíveis graças ao interesse e auxílio prestado pelas populações beneficiadas. Em alguns casos, e em Chaviães também sucedeu isso, os interessados não quiseram colaborar, desinteressaram-se completamente. Contudo, o Sr. Amadeu e P.ª Lima poderão informar melhor por que é que Casal, Escuredo e Carvalheiras por exemplo não foram atendidas como precisavam. Interessaram-se mais pelos fontanários de Santa Bárbara...

(Continua na 8.ª página)

## VII Comentário ao Plano de Actividades da Câmara para 1971

### CAIXA

O assunto em subtítulo também mereceu reparos ao sr. dr. Sidónio S. da Silva S. de Sousa, Transcrevo do jornal *Notícias de Melgaço*, de 25 de Setembro de 1970, de *Verbo ad verbum*, para que os leitores possam fazer uma apreciação objectiva, imparcial, justa:

«Quando no mês de Julho entrei nesta Câmara verifiquei a existência em caixa de 1.100.993\$70; mas não nos enganemos; essa verba destinava-se a custear os 6 meses que faltavam para terminar o ano económico em curso. Tiramos 700 contos de débito a empreiteiros, que é necessário pagar, mais 32 do projecto de arruamento de acesso ao futuro hospital que há dois anos e mais vem sendo reclamado e ainda não foi liquidado (sic), ficam 370 contos para fazer face à administração. Não há vencimentos a funcionários? Encargos a liquidar? Obras em curso?»

As contas da gerência da Câmara Municipal relativas ao ano de 1969 fecharam com um saldo — a maior parte cativo — de 1 670 contos.

O referido saldo destinava-se a obras em curso ou a realizar; umas e outras foram indicadas pelo ex-Presidente, professor Rodrigues, neste jornal, número de 1 de Setembro de 1970.

Eram as seguintes:

1.ª — Cantina Escolar anexa à Escola Primária da Vila;

2.ª — Construção do arruamento de acesso ao futuro hospital;

3.ª — Remodelação do Matadouro Municipal;

4.ª — Remodelação e ampliação dos antigos Paços do Concelho destinados a museu e biblioteca;

5.ª — Construção de 166 lavadouros distribuídos pelas 18 freguesias;

6.ª — Construção de um lavadouro, fontenário e bebedouro no lugar de Chão da Cancela, em Fiães;

7.ª — Arranjo do recanto nordeste da Praça da República (Local do Fontenário de S. João);

8.ª — Novo mercado;

9.ª — Aquisição de uma caminheta para os serviços municipais;

10.ª — Obras de reparação e beneficiação dos Paços do Concelho;

11.ª — Material e mobiliário para a secretaria da secção de obras;

12.ª — Abastecimento de água ao domicílio em Castro Laboreiro;

13.ª — Saneamento e remodelação do abastecimento de água à Vila;

14.ª — Pavimentação de diversos arruamentos na Vila;

15.ª — Instalação do Ciclo Preparatório no «Grande Hotel do Peso»;

16.ª — Caminho municipal de Castro a Portos;

17.ª — Caminho municipal de S. Gregório a Campo de Souto — 1.ª fase;

18.ª — Construção do caminho municipal de Fiães a Ervedal, revestimento a betuminoso na extensão de 3.400 m., macadame e revestimento a betuminoso na extensão de 1.260 m. e abertura restante até ao Ervedal;

19.ª — Caminho municipal de Prado a Paderne;

20.ª — Estrada municipal de Fiães — reparação e rectificação do largo da Calçada a Cavaleiros;

21.ª — Estrada municipal de Alvaredo;

22.ª — Projecto do caminho municipal de Castro a Ribeiro de Baixo;

23.ª — Estrada de Parada para a Gave.

Sobre este melhoramento dizia o então Presidente:

«É esta, presentemente, a via mais urgente do Concelho e aquela que dou mais trabalho e preocupações apesar de estar ainda sem iniciar.

Está incluída no Plano de Fomento em curso, mas só é possível iniciá-la depois da florestal servir Parada...»

O ex-Presidente terminava o seu esclarecimento aos munícipes com estas palavras: «O saldo referido de 1670 contos estava destinado a estas obras e às aquisições que ficam mencionadas...»

O Presidente, sr. dr. Sidónio, está quase de acordo com o ex-Presidente quando afirma: «Não nos enganemos; essa verba destinava-se a custear os 6 meses que faltavam para terminar o ano económico em curso».

Digo quase de acordo porque a verba destinava-se a mais alguma coisa, como fica dito.

As perguntas que ficaram transcritas — «Não há vencimentos a funcionários? Encargos a liquidar? Obras em curso?» — são intempestivas.

A Câmara da Presidência do prof. Rodrigues não pagou os 32 contos reclamados durante dois anos e meio pelo autor do projecto do arruamento de acesso ao futuro hospital porque o dito projecto ainda não estava aprovado. Ora, os projectos pagam-se, só depois de terem a aprovação superior.

O reclamante não tinha ainda direito a receber os 32 contos e, por isso, a Câmara procedeu bem.

Se o sr. dr. Sidónio pagou antes da aprovação, procedeu mal, porque pagou indevidamente e fez má administração.

A Câmara da presidência do professor Rodrigues nunca atrasou os pagamentos devidos. Que o digam os empreiteiros e os técnicos.

Depois, pergunta o sr. dr. Sidónio:

«Poder-se-á falar em dinheiros públicos devidos em Caixa?»

Respondo: Pode.

Se não ficaram em caixa, onde ficaram? E, agora, pergunto eu: Onde haviam de ficar, senão em caixa?

#### A seguir acrescentou:

«Conviém esclarecer que encontrei a Câmara numa situação de irregularidade que não está ainda legalizada. Como V.ªs Ex.ªs sabem — falava aos vogais do Conselho Municipal —

as despesas com o funcionalismo não podem ultrapassar os 50% das receitas ordinárias; a situação actual da Câmara é que a despesa ronda os 60%».

As despesas com o funcionalismo camarário não podem exceder os 45% da receita ordinária arrecadada no ano económico anterior e não os 50% como diz o sr. dr. Sidónio. É o que determina o Decreto n.º 40.014 de 31 de Dezembro de 1954 que, no assunto pertinente, não nos consta que tenha sofrido alteração.

Em 21-1-1970, a Câmara da presidência do professor Rodrigues, pediu ao sr. Ministro do Interior, por intermédio do Governo Civil, para abonar o aumento de vencimentos decretado em Novembro de 1969 e tornado extensivo aos serventários dos corpos administrativos pelo Decreto-Lei n.º 30.70 de 16 de Janeiro de 1970, autorização para elevar o limite acima referido de 45% para 60%.

Enquanto esteve a chefiar, interinamente, a Secretaria da Câmara o sr. Armando da Mota Solheiro não houve actualização de vencimentos. Em 1 de Abril de 1970 tomou posse o actual Chefe de Secretaria.

Este senhor, que vinha com uma bagagem profissional muito fresquinha, logo na primeira reunião da Câmara a que assistiu, realizada em 6 de Abril de 1970, apresentou a seguinte minuta, que foi aprovada:

«Pelo Decreto-Lei n.º 30/70 de 16 de Janeiro de 1970, tornou-se extensiva aos serventários dos corpos administrativos a actualização dos vencimentos prevista no Decreto-Lei n.º 49.410 de 24 de Novembro de 1969, com efeito a partir de 1 de Janeiro do ano corrente. Assim esta Câmara delibera actualizar os vencimentos dos seus serventários de harmonia com os referidos diplomas legais, com efeito a partir de 1 de Janeiro do corrente ano».

A deliberação legal ou ilegal é da responsabilidade do sr. Carvalho, que é o chefe do contencioso.

O aumento estava condicionado à autorização superior, pedida, como disse, em devido tempo. Se a situação era irregular, ainda hoje o é, porque a Câmara da presidência do sr. dr. Sidónio continua a pagar o aumento aos funcionários.

Por que motivo lhe não põe cobro para não cair na mesma irregularidade que aponta?

#### Disse:

«Isto nos ensina — ? — que foram criados lugares e despesas que deviam ter merecido um estudo mais atento e sério (!!!) antes da sua criação...»

É de lamentar que ao sr. dr. Sidónio não tivessem merecido um estudo mais atento e sério os problemas da administração. Não seria injusto, ou será injusto por falta de estudo atento e sério?

O ex-Presidente sempre dedicou aos problemas um estudo atento e sério; o sr. dr. Sidónio,

## O Santuário de Nossa Senhora da Peneda

Na Província do Minho há santuários de grande valor religioso; mas o de Nossa Senhora da Peneda tem grande nome, não só por estar situado na Serra da Peneda mas pela protecção da Virgem Santíssima sobretudo nas horas amargas que com carinho de Mãe nos atende.

Agora é fácil chegarmos a Seus pés e ali agradecer com as nossas ofertas e os nossos sacrifícios, à nossa bondosa Mãe, que está no Céu, o seu carinho.

Tempos que já lá vão, até ao rompimento da estrada para Castro Laboreiro, osromeiros que vinham de Espanha até ao concelho de Melgaço atravessavam o rio Minho nos barcos que naquele tempo havia nos limites do concelho, como S. Marcos (Peso), Mourantão, Louridal, Portovivo (Pousa) estes já com um dia de viagem a pé e vinham pernoitar em Portugal, vindos da Franqueira, Lomêda, Parada de Francelos, Petan, Peña (Penha) de França, Carriça e muitos outros, (seria necessário gastar muito tempo para escrever). Assim se caminhava horas esquecidas por ásperos carreiros até Cubalhão. Nesta freguesia, juntavam-se por acaso com outros grupos que seguiam o mesmo destino do Santuário. Agora esses carreiros com o andar dos tempos estão intransitáveis.

Há alguns meses eu fui até junto da veneranda imagem de Nossa Senhora, fui vendo alguns lugares por onde em tempos idos há mais de setenta anos tinha passado. Ao sair de Cubalhão a poucos decímetros gritava um dosromeiros dizendo: «estamos na Volta Grande, uma volta que nos parecia vir para

não. A prova está feita, mas vou reforçá-la.

Não foram criados lugares, como afirma; criou-se um lugar, o de adjunto técnico, que fazia falta. Quem confunde o singular com o plural não dedicou ao assunto um estudo atento e sério.

O número de funcionários não aumentou, porque foi extinto o de fiscal de obras.

As despesas, praticamente, também não aumentaram com o novo funcionário, porquanto, embora o adjunto técnico receba maior vencimento, o Estado comparticipa-o em 50%.

Que despesas foram criadas, sr. dr. Sidónio, «que deviam ter merecido um estudo mais atento e sério?»...

Se algumas despesas foram criadas vêm sendo mantidas pelo sr. dr. Sidónio; ora, se deviam ter merecido um estudo mais atento e sério antes da sua criação... não deveriam ter merecido também o mesmo estudo mais atento e sério para a sua manutenção?

É esquisita e lamentável a situação daquele senhor que cai nas faltas de crítica!

O Plano de Actividades apresentado pelo sr. dr. Sidónio ao Conselho Municipal e publicado no «Notícias de Melgaço» é um plano e um libelo contra o ex-Presidente.

Como Plano é utópico; como libelo é injusto.

Se os problemas tivessem merecido ao sr. dr. Sidónio um estudo mais atento e sério!...

A. RODRIGUES

trás. Seguindo a marcha, perto do Fontenário que está na beirra da estrada. Outra vez se ouvia, cá estamos no rio de Porta Campo e este ano leva pouca água. E quase a Nascente do rio Mouró, com umas pedras no leito para ninguém molhar os pés quentes de caminhar e assim seguimos em direcção ao coto do Lagarto. Naquele lugar, era paragem. Aqui se pode meter alguma coisa na boca que só falta uma légua para chegar à Peneda. Depois de se descansar alguns minutos começa nova viagem até ao santuário e então aparecem coisas extraordinárias da Natureza. Encontra-se na margem direita do tal rio Dógos «que vai banhar o Santuário, um grande rochedo com a parte de cima parecendo uma eira. De novo brada uma voz: cá está o coto dos casamentos. Porque as moças que se queriam casar tinham que atirar para cima do coto com uma pedra e se ela ficasse lá vinha para a sua terra com a ideia de se casar; mas há tantos anos que deitavam pedras que até já não, saía nenhuma e então esperavam até à morte a queixarem-se de que o ladrão do coto as enganara.

Mas agora o coto já não engana ninguém por não se passar por lá como antes.

A seguir a Fonte dos Afeitos onde toda a gente se lava e se limpa do pó da caminhada para entrar no santuário e admirar o Coto da Meadilha, da parte de traz do templo com a enorme altura que se admira do caminho, hoje, da estrada. Agora qualquer pode ir ao Santuário da Peneda porque se não cansa, nem vai dormir pelos escadórios por não haver lugares nos chamados quartéis que foram construídos para abrigo dosromeiros.

O. M.

## Cartas ao Director

(Continuação da pág. 7)

Da minha parte, procurei, por todos os meios, que ninguém deixasse de receber o benefício de um fontenário.

O problema da água de Chaviães não seria complicado, mas complicaram-no. Era preciso reconhecer primeiro os direitos dos consortes e só depois tentar conseguir amigavelmente, a cêndencia, pondo de parte violências.

Ora isto não se fez como se verifica de tudo quanto foi dito.

Muito obrigado pela confiança que lhe merecem as minhas informações. E eu, como sempre e porque tenho os pés bem assentes e seguro do verdadeiro caminho que segui na questão das águas de Chaviães, é com todo o prazer que continuarei a prestar-lhe as informações que eu saiba e que o possam esclarecer e tirar dúvidas.

Da minha parte, peço-lhe apenas sinceridade.

Melgaço,...

Manuel José Rodrigues (ex-presidente da Câmara)